

"Corredor do Solidarietà" marca retomada da mobilização na Eletrosul

Quando a assembléia deliberou por fazer um "corredor da solidariedade" no dia seguinte, muita gente ergueu o braço ainda sob clima de ameaça que há na Eletrosul. Mas no dia 13 os empregados da Eletrosul não deixaram dúvidas quanto a sua posição "contra as demissões, contra a recessão e contra o sucateamento do setor elétrico". Na entrada da sede foi formado um corredor por onde não passou mais de 20 pessoas. Inclui a maioria das chefias e dos gerentes ficou do lado de fora, engrossando o corredor.

A manifestação começou às sete e quinze da manhã e foi até as oito e meia quando "todo mundo entrou junto e de cabeça erguida", como disse Dinovaldo Gilioi, diretor do Sinergia, no microfone pelo qual se organizava o corredor. Quem ousou atravessar o corredor não escapou das vaias. Quem furou o movimento acabou ficando com o nome gravado nos registros automáticos das catracas eletrônicas da empresa.

Na avaliação do Sinergia a manifestação foi muito significativa. "A categoria conseguiu botar pra fora uma angústia que estava trancada. O pessoal mostrou que apesar de tudo não se entrega", avalia Dinovaldo. A perspectiva é de que novas mo-



Gastão Cassel

Muita gente foi dizer não às demissões vimentações aconteçam. O Sinergia garante que o "corredor" foi só o começo, e que muita água vai rolar.

CAMPANHA - Em algumas regiões da Eletrosul já foram realizadas as assembleias para aprovação da pauta da Campanha Nacional Extraordinária. Em Florianópolis, a assembleia aconteceu no dia 13 de fevereiro, com um bom nível de presença e participação da categoria. A pauta foi aprovada por unanimidade e ou-

torgados poderes para o Sinergia, Intersul, CNE e FNTIU.

A pauta aprovada é formada por dois itens: 1 - reajuste para todas faixas salariais com IPC integral do quadrimestre; 2 - garantia de emprego até a data-base. Ainda foi decidido que a assembleia ficaria em aberto e que uma manifestação deveria ser realizada no dia 14 de fevereiro.

Eletrosul e Sinergia depõem no inquérito da coação

Aconteceu ontem (dia 19) o primeiro ato do Inquérito Civil Público instaurado pela Procuradoria Regional do Trabalho da 12ª Região para apurar a denúncia feita pelo Sinergia, segundo a qual a Eletrosul estaria coagindo empregados a desistirem de ações trabalhistas que tramitam na Justiça.

Pela manhã foram ouvidos os representantes da Eletrosul. O presidente Amílcar Gazaniga não compareceu em função de uma viagem e foi representado pelos chefes dos departamentos de Recursos Humanos e Jurídico, respectivamente Luiz Carlos Pacheco e Mário Henrique Pinho. À tarde foi a vez de Mauro Passos, presidente do Sinergia, comparecer junto ao procurador Dilnei Angelo Biléssimo, que preside o inquérito.

INÉDITO - O depoimento da empresa iniciou às dez horas, mas a imprensa só pode entrar na sala uma hora depois. "Este

inquérito é inédito aqui em Santa Catarina, por isso temos dúvidas quanto ao seu caráter público, além do mais é difícil dar conhecimento do teor da fala de uma das partes antes de uma delas se manifestar", afirmou o procurador, justificando a espera imposta aos repórteres que inclusive tiveram atritos com funcionários da casa que diziam não saber em que sala estava ocorrendo a audiência.

Os representantes da Eletrosul limitaram-se a negar que houve coação na empresa, acertando com o procurador que apresentarão uma defesa por escrito. "Na Eletrosul nunca houve e nunca vai haver coação, o que ocorre é que com as demissões algumas pessoas ficam com medo de perder o emprego e espontaneamente desistem de suas reclamações", garantiu Pacheco. Cada uma das partes terá direito a apresentar dez testemunhas que serão ouvidas brevemente.

Pacheco assegurou que a reforma administrativa só terá fim quando a empresa tiver apenas 3.906 empregados, ao invés dos 4.600 de hoje. "Desde três de julho de 1990 há a deliberação de de-



O Procurador ouviu pouco dos representantes da empresa

CELESC

Começa negociação da Campanha Extraordinária

Nesta sexta-feira, às 14 horas, acontece a negociação entre a Intersindical e a direção da Celesc da Campanha Extraordinária de Fevereiro. A reunião, segundo o secretário-geral do Sinergia, Arno Cugnier, será "decisiva. Esta diretoria terá que finalmente tomar posição".

As assembleias realizadas na semana passada aprovaram por unanimidade a pauta de reivindicações (ver box). Em, todo Estado houve uma grande participação, com exceção de Florianópolis, onde a presença não foi acentuada. No dia 14 de fevereiro, findas as assembleias, a Intersindical levou a pauta com as reivindicações para a empresa.

Hoje e amanhã a Intersindical se reúne em Florianópolis para, além da negociação, visitar a Assembleia Legislativa, o governador Kleinubing e DRT divulgando os problemas existentes na Celesc. No início desta semana, também em Florianópolis, aconteceu uma reunião das assessorias jurídicas e ficou decidido que os sindicatos entrarão ainda esta semana com ações judiciais contra a Celesc.

Agora só resta, conforme Arno Cugnier, "que as pessoas se conscientizarem: se ficarem paradas não iremos conseguir nada. Está demonstrado historicamente que com pressão a gente conquista o que se quer. Sem pressão não se chega a lugar algum." Arno lembra ainda de uma máxima que corre dentro da Celesc e que segundo ele o presidente está querendo cumprir à risca: Do servente ao presidente, o salário não será diferente. "O presidente está conseguindo o impossível que é querer o reajuste e ao mesmo tempo impede que o reajuste seja dado. Por isto esta diretoria terá agora que tomar uma posição".

Pauta Extraordinária

- 1 - Recuperação salarial com aplicação linear do INPC do quadrimestre (out/jan)
- 2 - Não aplicação da Lei Complementar do Estado nº 043/92
- 3 - Cumprimento do Acordo Coletivo 91/92
- 4 - Manutenção da Taxa Mínima de Energia a funcionários
- 5 - Reajuste do Valor de Referência
- 6 - Participação dos sindicatos (Intercel) nas negociações dos reajustes do Plano AMHOR
- 7 - Reintegração imediata dos demitidos.

ELETROSUL

Governo reafirma demissões

A reunião do Comando Nacional dos Eletricitários(CNE) com o Secretário Nacional de Energia, Armando Ribeiro de Araújo, com o presidente da Eletrobrás, José Maria Siqueira de Barros e com o diretor administrativo da Eletrobrás, Wilson de Souza, na semana passada - dia 12 de fevereiro - serviu para confirmar a má vontade do governo em tratar o problema das demissões no setor elétrico que está transtornando milhares de lares brasileiros.

O Secretário de Energia disse que não há discussão sobre as demissões "afinal as empresas tem que demitir para reduzir custos". afirmou que as demissões não estão causando danos sociais, lembrando que quando dirigiu a Eletrobrás demitiu 1.200 pessoas "sem traumas".

IRONIA - Mas além do pouco caso, o secretário se mostrou também bastante agressivo com os sindicalistas. Num dos muitos momentos de tensão da audiência, Armando Araújo disse que sua autoridade é superior à dos sindicalistas porque ele havia sido

escolhido pelo presidente da República, que tem atrás de si 35 milhões de votos, e que tudo que está sendo feito foi aprovado pela sociedade brasileira nas eleições. Ele nem quis discutir o fato de que, pelas pesquisas de opinião, dos 35 milhões que votaram em Collor apenas 7% repetiriam seu voto se as eleições fossem hoje.

Também foi discutido o terrorismo praticado dentro dos planos de incentivo às aposentadorias. Segundo o secretário os planos são necessários e a pressão das empresas com empregados com causas na Justiça é considerada "normal", mas disse ter restrições ao terrorismo praticado em especial pela Eletrosul e Nuclen.

José Maria Siqueira entrevistou na reunião para discutir a questão do quadrimestre na Eletrobrás. Ele afirmou que não há intenção de pagar o índice de reposição para todos os níveis salariais. A empresa se restringiria apenas à aplicação da lei (correção até três salários mínimos).

O CNE lembrou que a Petrobrás zerou a perda dos petroleiros, mas Siqueira, em tom de lamento, disse que a reposição foi feita "às custas" dos lucros da Petrobrás, externando assim sua ideologia de liberal. O CNE acredita porém que o que pesou de fato foi a greve nacional dos petroleiros. Isto é que teria influído nas "decisões" governamentais.

FIM DO IMPASSE

Termina greve na saúde

Terminou no último sábado a greve de 35 dias dos servidores da Fundação Hospitalar de Santa Catarina. Os trabalhadores conquistaram do governo do estado reajustes salariais entre 61% e 119% em fevereiro, 10% e 17,5% em abril, maio e junho, além de um abono de Cr\$ 400 milhões a ser dividido em fevereiro entre os seis mil empregados do setor.

Os servidores da FHSC entraram em greve em 13 de janeiro, reivindicando reajustes salariais entre 183% e 387% para os seis níveis salariais. A primeira proposta do governo foi o rateio de um abono de Cr\$ 540 milhões entre os trabalhadores. Com os reajustes conquistados, o piso salarial dos servidores da Fundação Hospitalar passa de Cr\$ 107 mil em janeiro

Linha Viva é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares semanalmente. Diretor Responsável: Glauco Carvalho Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon. Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis. Impressão: gráfica do jornal O Estado. Redação: rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis, SC. Fone (0482) 22-3866; telefax: (0482) 23-5596; telex 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

HIPOCRISIA

Contradições e maracutaia rendem muito dinheiro no Brasil

Aposentadorias escandalosas contrastam com a miséria da maioria. Favorecimentos de grupos e pessoas são notórios. São milhões de dólares jogados fora e abocanhados por tubarões.

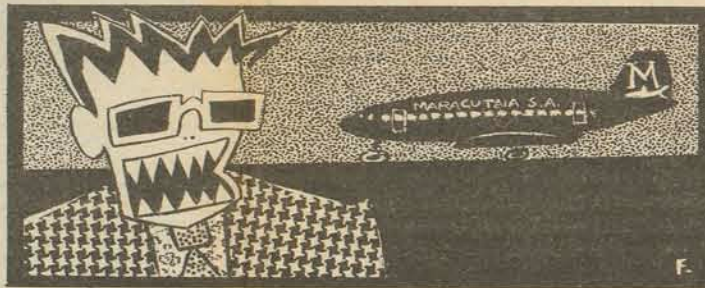
A palavra hipocrisia parece que cada vez mais ganha espaço na vida brasileira. Definida pelo Dicionário Aurélio como sinônimo de falsidade e fingimento, a hipocrisia lançou fundo suas raízes entre personalidades políticas do país, ruborizando até as mais tacanhas faces dos caciques tupiniquins.

Enquanto, por exemplo, a palavra "aposentados" gera burburinho em qualquer roda em que seja mencionada, o ministro do Trabalho e da Previdência Social, Reinhold Stephanes, prega ferozmente que a aposentadoria dos trabalhadores brasileiros só ocorra após os 60 anos de idade. Sem entrar no mérito do assunto, é lógico que o ministro pode defender o que quiser, desde que não

tenha o rabo preso. Stephanes, aposentou-se aos 46 anos e recebe a bagatela de Cr\$ 3 milhões por mês.

A explicação que ele dá para ter recebido a aposentadoria tão cedo é o fato de precisar "honrar dívidas contraídas em campanha eleitoral". Mesmo assim, ele considera "indeciso" uma pessoa deixar de trabalhar antes dos 60 anos. A sua aposentadoria, segundo ele, está sendo doada para a Santa Casa de Curitiba. Sinal que não está fazendo falta na caixa da família.

ELETOBRÁS - Na Eletrobrás aposentadoria também rima com hipocrisia. Comandante dos programas de demissões e aposentadoria incentivada, naquela empresa, Wilson de Souza, diretor administrativo, soube tirar proveito de suas funções. Resolveu apresentar-se recebendo um "incentivo" de US\$ 85 mil (cerca de 125 milhões) e garantindo uma aposentadoria de Cr\$ 4,6 milhões por mês, pagos pela Eletrosul, que é a fundação de seguridade dos empregados da Eletrobrás. Para quem acha que isso é pouco dinheiro, ou que tudo é normal, vale



acrescentar que Souza permaneceu no seu cargo de diretor, e por isso abocanha mais Cr\$ 5,8 milhões por mês.

Mas como dizem que desgraça pouca é bobagem, nem só de aposentadorias vivem as falcaturas no grupo Eletrobrás. Licitação parece ser outra palavra mágica, que faz os bolsos de alguns transbordarem. O presidente da Light, Confúcio Cavalcanti, recentemente demitiu o consultor jurídico da empresa, Antônio Geraldo Cardoso (irmão do senador Fernando Henrique), porque este negou-se a assinar um parecer que dispensava a realização de uma licitação para a construção de uma subestação. O superintendente de suprimentos da Light também "dançou" junto com cinco auxiliares por ter se negado a incluir na lista de fornecedores uma empresa indicada

por Cavalcanti. A recusa se deu por motivos técnicos e financeiros, mas Cavalcanti não quis nem saber...

VIAGEM INSÓLITA - Enquanto o ministro da Infra-Estrutura, João Santana - o defensor número um das demissões - garante que seu ministério tem controle total sobre os gastos com viagens internacionais das estatais, o jornal O Estado de São Paulo denuncia que só em janeiro houve gastos no ministério de US\$ 1,2 milhão (cerca de Cr\$ 1,7 bilhão) com viagens.

Conforme o Estadão, o presidente da Embratel, Carlos Paiva Lopes, tem viagem programada para o dia 28 de fevereiro (até 7 de março), já autorizada pelo secretário das Comunicações, Joel Rauber. Paiva Lopes solicitou nove diárias para a sua viagem à França, mas sua programação oficial dura apenas quatro dias naquele país. Ele vai receber US\$ 3 mil pela viagem que começa numa sexta-feira, correndo diária no fim de semana.

A "agência de viagens" também tem uma filial na secretaria dos transportes. Quatro técnicos da CBTU - Companhia Brasileira de

Trens Urbanos vão a Washington negociar financiamentos com banqueiros para transferência da estatal federal para as Ferrovias Paulistas S.A. Até aí tudo bem, só que no mesmo período o secretário dos Transportes, José Henrique D'Amorim, estará naquela cidade, podendo executar pessoalmente e negociação. Mesmo que D'Amorim esteja com muitos compromissos, o próprio presidente da CBTU também estará lá, e poderia negociar ele mesmo. Custo da brincadeira: US\$ 32 mil (mais ou menos Cr\$ 46 milhões).

A maioria das viagens é feita ilegalmente, uma vez que o decreto 99.188 proíbe despesas com congressos científicos, seminários, conferências e mesas-redondas. Ocorre que grande parte das despesas de viagem decorrem de eventos desta natureza. Outro fato grave é que o ministério da Infra-Estrutura não publica seus atos específicos na Diário Oficial da União, como manda a legislação.

No caso das viagens não se sabe qual a maior hipocrisia: se a declaração do ministro de que há controle (o que evidenciaria uma má gestão) ou a pura e simples inexistência de controle coexistindo com discursos que defendem o "enxugamento" e a privatização das estatais.

TRIBUNA Livre

Bangu I

Mauro Guimarães Passos
Presidente do Sinergia

Conhecida no país inteiro como penitenciária de segurança máxima, Bangu I, mantém, sobre um forte sistema de segurança, os mais perigosos criminosos do Brasil. O controle de entrada e saída no presídio é dos mais sofisticados. Os investimentos feitos foram enormes, justificando pelo fato dos detentos terem que cumprir suas penas e porque a sociedade deve estar resguardada das constantes fugas que haviam nas penitenciárias convencionais.

Particularmente, não conheço Bangu I, como também pouco sei do sistema penitenciário brasileiro. Entretanto, nesta segunda-feira, ao comparecer na Eletrosul, para mais uma concentração, tive a sensação de estar entrando num presídio de segurança máxima. Confesso que inicialmente fiquei constrangido de me sentir observado por uma câmera de circuito interno de televisão. Me achei, por segundos, um criminoso. Felizmente foi tudo muito rápido e uma reação espontânea de muita indignação sufocou

imediatamente o constrangimento inicial. Circuito interno de televisão na Eletrosul é uma verdadeira agressão. Isto só é usado em bancos, supermercados e algumas lojas de departamento, para inibir o roubo.

Instalar este tipo de equipamento na Eletrosul é o coroamento de uma gestão que optou pelos mais truculentos processos

"Circuito interno de TV na Eletrosul é uma agressão. Me achei, por um segundo, um criminoso."

de gerenciamento de pessoal. Definiu como objetivo aniquilar o seu corpo funcional e atingir as suas organizações. Para isto, não economizou dinheiro nem tempo. Numa verdadeira paranóia, agride diariamente os empregados das mais diferentes maneiras.

Nas visitas às áreas descentralizadas, em vez de levar uma palavra de incentivo, blasfemam ameaças. Aos empregados que têm ações na Justiça do Trabalho é reservada a coação, que faz com que a questão vire assunto criminal. Transformaram, sem nenhum constrangimento, o corpo gerencial em meros cumpridores de determinações superiores.

Dirigentes sindicais, democraticamente eleitos para cumprir uma função respeitada em todo o mundo, são tratados como marginais. (Na última sexta-feira este foi o tom dado pelo Presidente da Eletrosul aos gerentes, no auditório. Coincidentemente, naquela mesma hora um dos dirigentes sindicais citados estava sendo recebido pelo Governador de São Paulo no Palácio Bandeirantes, vindo de Brasília, de uma reunião com o Secretário Nacional de Energia)

Estes são apenas alguns exemplos. Listar todas as mazelas que ocorreram nestes quase dois anos desta administração, não vale a pena. Além de que ocuparia todo o jornal, já é do conhecimento de todos. O importante é nos rebelarmos contra isso. É fazermos um esforço coletivo para resgatarmos a dignidade dentro da Eletrosul.

A situação atual é insuportável e este circuito interno de TV é um marco físico do inaceitável. Nós, empregados da Eletrosul não queremos isso! Queremos de volta o respeito às pessoas e ao trabalho! Queremos impedir que transformem a sede da Eletrosul numa nova Bangu I!

Pois diante de tantas incertezas (propositamente criadas), uma certeza nós temos: não somos criminosos!

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

ALTA TENSÃO



INSCRIÇÕES SUPERAM EXPECTATIVAS

Encerrou dia 17 de fevereiro o prazo de inscrições para os candidatos a representante sindical do SINERGIA. As inscrições, previstas para o dia 30 de março na Eletrosul e 2 de abril na Celesc, terão 67 candidatos - 60 na Eletrosul e 7 na Celesc. O Sinergia programou a feitura de uma publicação especial sobre o assunto para o mês de março.

ACIDENTE & DUPLA FUNÇÃO

Infelizmente as advertências feitas pela Intersindical sobre os perigos da dupla função foram confirmadas na semana passada. Um operador da subestação da Eletrosul em Londrina sofreu um acidente sério dirigindo um veículo da empresa, que ficou quase destruído. Mas o pior aconteceu no hospital: o empregado ferido foi levado para o pronto-socorro às 15 horas mas só às 20 horas o encarregado na empresa no local chegou ao hospital para fazer o internamento (CAT).

Antes da assinatura do acordo coletivo a Eletrosul pressionou os operadores de subestação a exercerem dupla função, trabalhando como motoristas para ir ao trabalho. Na maioria dos casos as subestações estão em áreas de difícil acesso, não servidas por transporte coletivo e além disto o horário de trabalho dos operadores é por turnos. A Intersindical na época alertou sobre os problemas que poderiam ocorrer. E, agora, para pesar de todos, o que estava previsto já começou a acontecer.

FOI SINDICALISTA E DEFENDE DEMISSÕES

Luiz Carlos Lopes, ex-diretor do Sindicato dos Eletricitários do Sul do Estado e atualmente Chefe da Regional Sul da Celesc, defendeu (ao contrário de suas atuações na época em que foi sindicalista) as demissões realizadas pela empresa (23 na sua região) dizendo que os demitidos foram "prejudicados"

pela gestão anterior, que realizou um concurso especial somente para "beneficiar companheiros políticos".

A afirmação foi feita ao deputado Leodegar Tiscoski (PDS), para o prefeito de Sombrio e Vereadores da região. O concurso foi ilegal, segundo Lopes, porque "não existe juridicamente concurso público especial". Os políticos convocaram a reunião para ver se era possível a readmissão dos empregados.

Para o chefe da Celesc "só se a Justiça determinar a volta dos funcionários a empresa fará a readmissão". Lopes no encontro, que se realizou no dia 28 de janeiro, disse ainda que nos próximos 90 dias a Celesc demitirá 1.500 funcionários, pois vai funcionar em sistema de co-gestão.

ACESSO PROIBIDO

O Sinergia estranha a prática autoritária, típica dos tempos de repressão, assumida esta semana por Ilário Bruno Pasin, Diretor Administrativo da Eletrosul, que é o representante do governo de Alceu Colares do Rio Grande do Sul, na empresa.

Pasin sempre gostou de afirmar que mantém boas relações com o movimento sindical, mas tomou duas decisões que contradizem isto. A primeira foi uma advertência ao presidente da Aprosul, e diretor do Sinergia, Claudio Corradini. A punição foi por ele ter participado de atividades sindicais.

A segunda foi uma ameaça, feita em correspondência enviada ao Sinergia, de "proibir sumariamente o acesso dos dirigentes sindicais às dependências da Empresa" se novas manifestações como as dos dias 11 e 12 de fevereiro se repetirem. Nestes dois dias os representantes do Sinergia fizeram contatos com as chefias sem que estas tenham se manifestado contrárias à ação do sindicato, inclusive na presença do Diretor de Construção, que estava do Departamento Patrimônio Imobiliário e Meio Ambiente quando foi pedida a autorização.

A sedução da Rede Imaginária

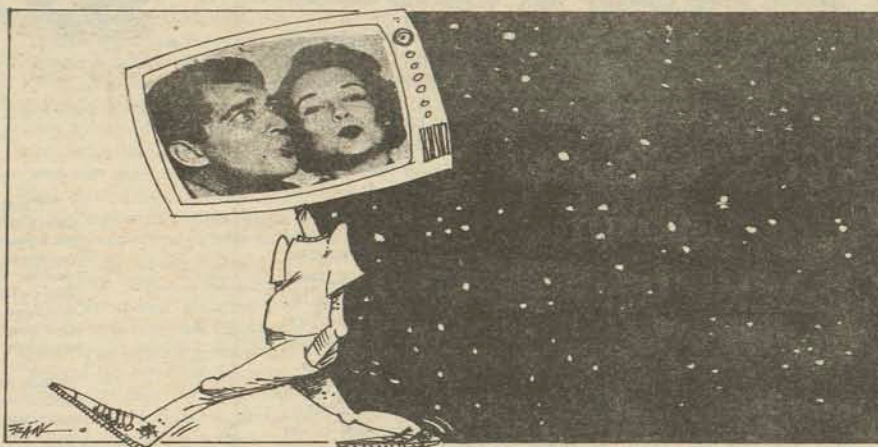
Luiz Cezare Vieira
Empregado da CELESC

A Prefeitura Municipal de São Paulo, através da Secretaria de Cultura promoveu recentemente, seminário em torno de um tema cuja importância pode ser medida em função do grau de inserção e influência que exerce em nosso cotidiano - a televisão. Afinal, os 40 milhões de aparelhos existentes no Brasil ficam ligados em média 5h e 30min diárias, proporcionando a 100 milhões de brasileiros as maravilhas desta pequena "janela aberta para o mundo". Vedete da sociedade de massas, a TV monopoliza todas as atenções. Nos E.U.A., matriz do nosso modelo de indústria cultural, o americano é telespectador durante 1500 horas no ano, enquanto lê livros durante 95 horas e assiste cinema apenas 12 horas por ano.

Os artigos escritos para o seminário foram publicados pela editora Companhia de Letras, no livro "A Rede Imaginária - televisão e democracia". A oportunidade do evento está em reativar no âmbito da esfera pública um debate necessário e urgente, indissociável de qualquer projeto social, político e cultural que tenha a democracia como pressuposto. Considerado por muitos a maior invenção do milênio, juntamente com o computador, a televisão é um objeto relativamente recente na vida dos humanos. Enquanto 2.500 anos de cultura ocidental nos contemplam, estamos abandonados à contemplação da TV há apenas 40 anos. Pouco tempo para uma análise histórica mais consistente sobre os efeitos reais e as potencialidades não liberadas deste explosivo meio de comunicação de massas. Tempo suficiente, entretanto, para alterar profundamente as relações de convivência, os hábitos e os costumes das pessoas e estabelecer um ritmo mais veloz ao mundo contemporâneo, em meio a uma proliferação vertiginosa de imagens.

Assistimos nas últimas décadas, a queda da experiência pessoal vivida e a ascensão progressiva do ilusório, da representação, do signo e do simulacro que nas imagens fugazes da TV configuram a "forma mais efêmera e rarefeita da nossa realidade", segundo as palavras de Nelson Brissac Peixoto.

O poder de sedução da TV, como o canto das sereias, é irresistível. O mundo é oferecido diariamente de forma acabada, como um espetáculo bem produzido, hiper real (guerra do Golfo por exemplo), não exigindo nada além do olhar distraído, ao sabor de uma torrente de imagens que nos atravessam como um fluxo do qual nada ou pouco retemos. Ao contrário de Ulysses, não nos valem de nenhum ardil da razão para



manter o distanciamento crítico necessário e não sucumbir ao objeto do prazer. A simbiose homem/TV, feita de emoções e sentimentos banais, é total. Do outro lado do canal, a soberania dos empresários: estes sim, ardilosos arquitetos do imaginário que teleguia ao fascinante mundo da mercadoria.

A TV é uma manifestação autêntica da profanação burguesa do mundo. Na tela-vitrine as mercadorias assumem definitivamente a centralidade da vida e entre um comercial e outro, afloram toda a espécie de paixões mundanas, como sexo e violência, numa moderna citação da idolatria dos tempos arcaicos. São poucos os vestígios daquela vida centrada em absolutos de períodos passados, pois o que já foi peregrino não resistiu ao "ruidoso Universo do descartável" que constitui a era da televisão. Aqui o futuro já chegou e pode ser consumido diariamente na compra de uma destas mercadorias-fetice.

A revolução burguesa rompeu os laços que submetiam cada passo do homem aos desígnios de Deus. Mas ao dar asas ao espírito fáustico, o burguês empreendedor caiu e arrastou consigo a humanidade nas malhas do processo de reprodução material da vida que deveria ser submetido, ao invés de submeter o homem e a natureza. O humanismo, enfraquecido, permanece vivo alimentando-se apenas de utopia remanescente nestes tempos de obscurantismo neo-liberal.

MODERNOS X PÓS-MODERNOS - Um debate contemporâneo divide os críticos de cultura em modernos e pós-modernos. Enquanto os primeiros consideram a cultura de massas como um inimigo a ser combatido, os pós-modernos mergulham de corpo e alma no mundo fantástico dos signos em profusão.

Mediando o debate, é possível delinear em termos gerais, uma tese de con-

ciliação que resgate, de um lado, o sentido de transcendência e universalidade da cultura dita superior, mas sem retroagir à nostalgia. De outro lado, reconhecendo o potencial democrático da cultura de massas, evitando contudo, o ufanismo incondicional dos profetas da indústria cultural.

Já em 1959 a filósofa Hannah Arendt afirmava que a sociedade de massas não precisa de cultura, mas de diversão. Hoje a TV está efetivamente transformada em um verdadeiro império de entretenimento que, por sinal, é tão necessário ao processo vital, quanto trabalhar e dormir.

Mas a TV extrapola e muito, o dócil estatuto de eletrodoméstico inofensivo, que auxilia indivíduos esgotados pelo trabalho a recuperar suas energias. Quem expõem-se fragilizado à recepção passiva de imagens está sujeito a toda espécie de manipulação seja ela direta, ostensiva, ou subliminar, agindo na formação do imaginário, ou seja, na maneira como vemos, sentimos e inventamos o mundo. A TV é formadora de opinião pública em nome do mercado e do capital e, portanto, "enxerga" o telespectador como mero terminal de consumo. A arte e a cultura ficam submetidas à lógica deste mercado perdendo a força criativa e o poder de transgressão.

HISTÓRIA REDUNDANTE - A história da expansão de TV no Brasil não é nada original em relação a de outros grandes empreendimentos empresariais. A tríade de sucesso, dinheiro público/estado/empresário triunfa outra vez, confirmando em mais um episódio que o salto do tigre do milagre brasileiro não foi um salto nem o tigre foi tigre. Antes um pulular frenético de pequenos felinos refestelando-se no eterno banquete orgiástico de Brasília.

A união da ditadura com Roberto Marinho consolida interesses recípro-

cos: enquanto o Estado transfere somas fantásticas via "publicidade", a Globo cumpre fielmente seu papel de porta-voz da ditadura, saturando o espaço nacional com ondas eletromagnéticas que quando decodificadas, submetem as vítimas a um processo sofisticado de lobotomia, causado pela infusão sistemática de informações distorcidas, pasteurizações culturais, além de uma overdose de estímulos consumistas.

Recentemente em mais um festival no planalto o senhorio José Sarney distribuiu concessões públicas de rádio e TV em troca de mais um ano de benesses públicas. Falar de ACM - Antônio Carlos Magalhães, nessas alturas seria extrapolar nossa capacidade de digerir redundâncias.

TV E DEMOCRACIA - Tendências mundiais indicam uma concentração progressiva dos meios de comunicação de massas. Atualmente 28 gigantes da mídia controlam, de acordo com seus mega-interesses, a comunicação no planeta.

No Brasil, apenas 9 famílias controlam 90% da comunicação, valendo-se de concessões públicas de rádio e TV para submeter toda população ao discurso privado das elites. Alguns artigos que compõem o livro são depoimentos indignados de jornalistas que presenciaram "por dentro" as tiranias manipulatórias das grandes redes comerciais. A trajetória da comunicação se constitui numa via de mão única onde as massas silenciosas absorvem acriticamente os produtos da indústria cultural que os "senhores da aldeia global" julgarem conveniente transmitir.

A ausência de democracia é o grande paradoxo do mundo atual. O avanço da tecnologia e da racionalidade científica em todos as esferas da vida não tiveram como contrapartida o aprimoramento de ideais como democracia e comunidade. Ao contrário, presenciamos o definhamento de espaços públicos de debate, absolutamente imprescindíveis em qualquer sociedade que aspire padrões superiores de convivência.

Uma alternativa para superação do modelo atual da mídia brasileira é a proposta defendida pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, ou seja, o controle público destes meios.

De qualquer forma, e em qualquer circunstância, a TV veio para ficar, mas aqui torna-se necessário reforçar as palavras de Maria Fraga Rocca quando afirma que "ver TV, sim, olhar a TV, sim, mas aprender a olhar, seletivamente, refletidamente..." com astúcia e sem jamais prescindir da mediação da razão, pois esta; ao contrário de inocular, potencializa os prazeres da sedução.